

NICK HORNBY

Uma longa queda

Tradução

Christian Schwartz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2005 by Nick Hornby
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
A Long Way Down

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Thaís Totino Richter
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hornby, Nick

Uma longa queda / Nick Hornby ; tradução Christian Schwartz
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: A Long Way Down.
ISBN 978-85-359-2418-3

1. Ficção inglesa I. Título.

14-02460

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

MARTIN

Se consigo explicar por que queria pular do alto de um prédio? Claro que consigo explicar por que queria pular do alto de um prédio. Não sou um completo idiota. Consigo explicar porque não tinha nada de inexplicável: foi uma decisão lógica, tomada após a devida reflexão. Nenhuma reflexão lá muito séria também. Não que tenha sido um capricho — só quis dizer que não foi nada terrivelmente complicado ou angustiante. Vamos imaginar o seguinte: digamos que o sujeito fosse, sei lá, o subgerente de um banco em Guildford. E que estivesse pensando em deixar o país, e aí recebesse uma proposta de trabalho pra assumir uma gerência em Sidney. Ora, mesmo sendo uma decisão bem fácil, o cara ainda assim daria uma pensadinha, não daria? No mínimo ia precisar refletir se suportaria uma mudança dessas, se conseguiria deixar pra trás amigos e colegas, se seria capaz de deslocar mulher e filhos para uma terra estrangeira. Talvez

sentasse com um pedaço de papel pra fazer uma lista de prós e contras. Algo como:

CONTRAS — pais idosos, amigos, golfe.

PRÓS — mais dinheiro, melhor qualidade de vida (casa com piscina, churrascos etc.), mar, sol, nada de conselhos comunitários com tendências esquerdistas querendo banir canções de ninar politicamente incorretas, ou diretivas do Mercado Comum Europeu tentando proibir a venda de salsichas britânicas etc.

Nem tem o que pensar, certo? Golfe! Dá um tempo. Pais idosos, claro, pedem um momento de ponderação, mas não mais do que isso — uma paradinha pra refletir, e rápida. Em dez minutos o sujeito já estaria ao telefone falando com seu agente de viagens.

Pois esse cara era eu. Simplesmente não havia razões suficientes pra me arrepender, e havia um montão delas pra pular. A única coisa na minha lista de contras seriam as crianças, mas a Cindy não me deixaria vê-las de novo mesmo. Não tenho pais idosos nem jogo golfe. O suicídio era minha Sidney. E digo isso sem a menor intenção de ofender o simpático povo de Sidney.

MAUREEN

Eu disse a ele que ia a uma festa de Ano-Novo. Avisei em outubro. Não sei se as pessoas mandam convites para festas de Ano-Novo em outubro. Provavelmente não. (Como eu poderia saber? Desde 1984 não ia a uma festa de Ano-Novo. A June e o Brian, que moravam aqui em frente, fizeram uma pouco antes de se mudar. E, mesmo aquela vez, dei apenas uma passadinha, depois de ele já ter ido dormir, e só fiquei uma hora e pouco.)

Mas eu não podia esperar mais. Andava pensando naquilo desde maio ou junho, e ficava me coçando para contar. Uma ideia idiota, na verdade. Ele não entende, tenho certeza que não. Me dizem para continuar falando, mas a gente percebe que nada entra ali. E logo o que foi me dar coceira de contar! Só mostra o tipo de coisa que eu tinha pela frente, não é mesmo?

No momento em que falava com ele, desejei sair dali direto para o confessionário. Ora, eu tinha mentido, não tinha? Tinha mentido para o meu próprio filho. Ah, só uma mentirinha boba: disse a ele, com meses de antecedência, que ia a uma festa, uma festa inventada. E planejei tudo direitinho. Falei de quem era a festa, e por que eu tinha sido convidada, e por que queria ir, e quem mais estaria lá. (A festa era da Bridgid, da Bridgid da igreja. E eu tinha sido convidada porque a irmã dela estava vindo de Cork, a irmã que escreveu perguntando por mim em uma ou duas cartas. E a razão de eu querer ir à festa era que a irmã da Bridgid tinha levado a sogra até Lourdes, e eu queria que ela me contasse tudo a respeito porque pretendia levar o Matty.) Mas a confissão não era possível, pois eu sabia que aquele pecado, a mentira, precisaria ser repetido e repetido até o final do ano. E não apenas para o Matty, mas para o pessoal da clínica, e para... Bom, não tem mais ninguém, na verdade. Talvez alguém da igreja, ou com quem eu esbarrasse em alguma loja. Pensando bem, é quase cômico. Quando a gente passa dia e noite cuidando de um filho doente, as chances de pecar são muito pequenas, então nada que eu tivesse feito nos últimos não sei quantos anos era digno do confessionário. E saí disso para um pecado tão terrível que nem conseguia contar ao padre, porque continuaria a pecar e pecar até o dia da minha morte, quando cometeria o maior de todos os pecados. (E por que esse é o maior de todos os pecados? A vida inteira nos dizem que, ao morrer, vamos para um lugar maravilhoso. E a única coisa que se pode fazer para

chegar lá mais rápido é algo que fecha, definitivamente, as portas desse mesmo lugar para quem o faz. Ah, sim, entendo que é meio como furar a fila. Mas, se alguém fura a fila nos Correios, o pessoal chia. Ou, às vezes, alguém diz: “Desculpa, mas eu estava aqui antes”. Ninguém sai com um: “Você vai queimar no fogo do inferno por toda a eternidade”. Seria meio forte demais.) O que não me impedia de ir à igreja. Mas só continuei a ir porque, se parasse, o pessoal acharia que alguma coisa estava errada.

À medida que a data se aproximava, eu ia passando ao Matty umas informações soltas, como se tivesse acabado de ficar sabendo delas. Todo domingo fingia ter novidades, porque era aos domingos que encontrava a Bridgid. “A Bridgid falou que vai ter dança.” “A Bridgid está preocupada que nem todo mundo goste de vinho ou cerveja, então resolveu providenciar destilados também.” “A Bridgid não sabe quantos convidados já terão jantado quando chegarem.” Se o Matty fosse capaz de entender alguma coisa, acharia que a tal da Bridgid era uma lunática, encucada daquele jeito com uma festinha. Eu ficava vermelha toda vez que a encontrava na igreja. E, claro, queria saber o que, de fato, ela ia fazer no Ano-Novo, mas nunca perguntei. Ela podia acabar se sentindo obrigada a me convidar, caso estivesse mesmo planejando dar uma festa.

Fico envergonhada, pensando agora. Não pelas mentiras — já me acostumei a mentir, a esta altura. Não, me envergonho de como tudo aquilo era patético. Certo domingo, me peguei contando ao Matty onde a Bridgid ia comprar o presunto para os sanduíches. Mas não me saía da cabeça, a noite do Ano-Novo, não saía, claro, e aquele era um jeito de falar sobre a ocasião sem dizer nada de fato. E passei eu mesma, acho, a acreditar um pouco na história da festa, daquele jeito como passamos a acreditar numa história lida num livro. De vez em quando imaginava que roupa usaria, o quanto beberia, a que horas iria embora. Se

voltaria para casa de táxi. Esse tipo de coisa. No fim, foi como se tivesse ido de verdade. Mesmo na imaginação, porém, não conseguia me ver conversando com ninguém na festa. Ficava sempre bastante feliz de ir embora dali.

JESS

Eu estava numa festa lá embaixo, num apartamento invadido. Uma bosta de festa, cheia de uns velhos rabugentos sentados no chão bebendo sidra e fumando uns baseados enormes e escutando um reggae viajandão esquisito. À meia-noite, um deles bateu palmas, sarcástico, outros deram risada, e foi isso — feliz Ano-Novo pra vocês também. Você podia ser a pessoa mais feliz de Londres e, chegando numa festa dessas, ainda assim ia ter vontade de pular do terraço à meia-noite e cinco. Mas eu não era a pessoa mais feliz de Londres. Claro.

Só fui porque alguém da faculdade tinha me dito que o Chas ia estar lá, mas ele não estava. Tentei ligar no celular pela zilionésima vez, mas ele tinha desligado. Logo que a gente terminou, ele me chamou de *stalker*, mas essa palavra exige uma intensidade emocional, né? Não acho que se possa dizer que alguém está te perseguindo quando nada aconteceu além de telefonemas, cartas, e-mails e algumas batidas na porta. E só apareci no trabalho dele duas vezes. Três, se contar a festa de Natal, que pra mim não conta, porque, enfim, o Chas tinha me convidado pra ir com ele nessa festa. Um *stalker* é alguém que vai atrás da pessoa numa loja ou nas férias dela, né? Bom, nunca cheguei nem perto de loja nenhuma. E, também, não acho que seja um caso de *stalker* se a pessoa te deve uma explicação. Alguém te devendo uma explicação é como alguém te devendo grana, e bem mais do que cinco pilas, aliás. Estaria mais pra quinhentos

ou seiscentos mangos, no mínimo. Se alguém estivesse te devendo no mínimo quinhentos ou seiscentos mangos, e essa pessoa andasse te evitando, você ia acabar batendo na porta dela tarde da noite, quando sabe que ela vai estar em casa. As pessoas levam a sério uma grana dessas. Acionam cobradores e quebram as pernas das outras, mas nunca cheguei a tanto. Mostrei que tenho algum controle.

Então, mesmo vindo de cara que ele não estava na festa, fiquei por ali um pouco. Aonde mais podia ir? Estava me sentindo mal por mim mesma. Como é que pode alguém ter dezoito anos e nenhum lugar pra ir na noite de Ano-Novo além de uma bosta de festa numa bosta de apartamento invadido onde você não conhece ninguém? Mas foi isso que tive a manha de fazer, que pareço ter a manha de fazer todo ano. Faço novos amigos com facilidade, mas aí deixo eles putos, e disso já me toquei, só não sei bem como ou por que isso acontece. E é quando desaparecem as pessoas e as festas.

Deixei a Jen puta, tenho certeza. Ela desapareceu, como todo mundo.

MARTIN

Eu tinha passado os meses anteriores dando uma olhada em matérias sobre suicídio na internet, só por curiosidade. E em quase todos os casos o legista dizia: “Ele tirou a própria vida num momento de perturbação do equilíbrio mental”. Aí vinha a história do pobre infeliz: a mulher indo pra cama com o melhor amigo, o sujeito que perdia o emprego, a filha morta num acidente de carro meses antes... Acorda, sr. Legista! Sinto muito, amigo, mas não tem nada de perturbação do equilíbrio mental aí. Eu diria que o suicida simplesmente fez o que devia fazer.

Desgraça em cima de desgraça em cima de desgraça até não aguentar mais, então o cara pega a perua da família e vai até o estacionamento da loja de departamentos mais próxima com uma mangueira de borracha de boa extensão. Nada mais justo, certo? Será que o relato do legista não deveria conter algo como: “Ele tirou a própria vida depois de refletir sóbria e cuidadosamente sobre a merda que tal vida tinha se tornado”?

Nem uma única vez li numa dessas matérias algo que me convencesse de que o sujeito estava fora do ar. Como: “O atacante do Manchester United, que estava noivo da atual miss Suécia, recentemente conquistara uma inédita dobradinha: é o único, até hoje, a ter levado a Copa da Inglaterra e o Oscar de melhor ator num mesmo ano. Os direitos de filmagem de seu primeiro romance haviam acabado de ser vendidos, por soma não revelada, a Steven Spielberg. Ele foi encontrado por um dos empregados pendendo de uma viga do teto num dos estábulos de sua propriedade”. Ora, nunca vi um relato do tipo, mas, se existissem casos de gente feliz, bem-sucedida e talentosa que tira a própria vida, certamente se poderia deduzir que o equilíbrio, ali, andava mesmo perturbado. E não estou dizendo que jogar pelo Manchester United, estar noivo da miss Suécia e ganhar um Oscar sejam vacinas contra a depressão — tenho certeza de que não são. Só estou dizendo que essas coisas ajudam. Deem uma olhada nas estatísticas. A pessoa tem mais chances de dar cabo de si mesma se tiver acabado de se divorciar. Ou se for anoréxica. Ou se estiver desempregada. Ou se viver de prostituição. Ou se tiver lutado numa guerra, ou sido estuprada, ou perdido alguém... São muitos e muitos os fatores que levam à beira do precipício; é improvável que algum deles faça a pessoa se sentir outra coisa que não fodida e infeliz.

Dois anos atrás, Martin Sharp não se encontraria sentado sobre um minúsculo parapeito no meio da noite, olhando pra

calçada de concreto mais de trinta metros abaixo, pensando se daria pra escutar o ruído de seus ossos se quebrando em pedacinhos. Mas Martin Sharp era uma pessoa diferente dois anos atrás. Eu ainda tinha um emprego. Ainda tinha uma mulher. Não tinha ido pra cama com uma menina de quinze anos. Não tinha estado na prisão. Não tinha sido obrigado a conversar com minhas filhas pequenas sobre uma matéria na primeira página de um tabloide com a palavra CANALHA! como manchete, que vinha ilustrada por uma foto minha largado na calçada em frente a uma conhecida boate londrina. (Como seria a manchete se eu tivesse partido pra sempre? A ÚLTIMA DO CANALHA!, talvez. Ou, quem sabe, FIM DE CASO!) É justo dizer que, antes disso tudo acontecer, havia menos motivos pra eu estar sentado sobre um minúsculo parapeito. Então não venham me dizer que meu equilíbrio mental estava perturbado, porque não era assim que eu me sentia. (E, também, o que tem a ver esse troço de “equilíbrio mental”? É algo rigorosamente científico? A mente de fato se dobra de cima a baixo feito escama de peixe conforme a viagem que acontece na cabeça do sujeito?) Querer me matar era a reação adequada e razoável pra toda uma série de eventos desafortunados que tinha tornado minha vida insuportável. Ah, pois é, sei que os psicólogos vão dizer que podiam ter ajudado, mas é aí que nasce a metade dos problemas deste país, certo? Ninguém quer encarar suas responsabilidades. É sempre culpa dos outros. Buá, buá, buá. Pois sou um desses raros indivíduos que acreditam que o que rolou entre minha mãe e meu pai não tem nada a ver com eu ter trepado com uma menina de quinze anos. Acho, aliás, que teria ido pra cama com ela independentemente de ter sido amamentado no peito ou não, e já era tempo de encarar as consequências do que eu tinha feito.

Caguei minha vida, foi isso que eu fiz. Literalmente. Bom, não *literalmente*. Não que, sabem, eu tivesse transformado minha

vida em fezes que acumulei no intestino, e assim por diante. Mas sentia como se tivesse cagado minha vida, do mesmo jeito que é possível cagar com dinheiro. Eu antes tive uma vida, repleta de filhos, esposas, empregos e toda essa coisa normal, e aí, não sei como, perdi a direção. Não, vejam bem, não foi exatamente assim. Eu sabia pra onde estava conduzindo minha vida, assim como a gente sabe pra onde está indo o dinheiro quando caga com ele. Não tinha perdido a direção coisa nenhuma. Tinha jogado fora. Jogado fora minhas filhas, meu emprego e minha esposa, tudo em troca de boates e meninas adolescentes. Essas coisas têm um preço, que alegremente paguei, e de repente minha vida não existia mais. O que eu estaria deixando pra trás? Na noite de Ano-Novo, a sensação era de estar dando adeus a uma forma difusa de consciência e a um sistema digestivo que funcionava apenas parcialmente — sinais de vida, certo, mas nada com conteúdo. Eu nem mesmo me sentia particularmente triste. Me sentia apenas um tremendo idiota, e muito puto.

Não é porque subitamente tive uma luz que continuo por aqui. A razão pra eu continuar nesta vida é que aquela noite acabou se tornando uma confusão tão grande quanto todo o resto. Consegui foder com tudo até quando resolvi pular do alto de uma porra de um prédio.

MAUREEN

Na noite de Ano-Novo, a clínica mandou a ambulância buscá-lo. Tinha que pagar um extra por isso, mas não liguei. E como poderia? No fim, o Matty ia custar a eles mais do que eu

estava pagando. Eu só ia ter que pagar por uma noite, mas, enquanto ele vivesse, a clínica teria que arcar com os custos.

Pensei em esconder algumas das coisas do Matty, talvez estranhassem aqueles objetos, mas ninguém precisava saber que eram dele. Afinal, não podiam saber que eu não tinha uma penca de filhos, então deixei tudo lá. Chegaram em torno das seis, dois jovens que o levaram na cadeira de rodas. Nem pude chorar quando ele foi embora, porque senão os rapazes perceberiam que tinha algo errado; na cabeça deles, eu passaria para pegar o Matty às onze da manhã seguinte. Apenas dei-lhe um beijo no cocuruto, disse que se comportasse na clínica e me segurei até que tivessem partido. Então chorei e chorei, durante mais ou menos uma hora. Matty tinha arruinado minha vida, mas ainda assim era meu filho e não consegui me despedir direito. Vi um pouco de tevê e até bebi umas tacinhas de xerez, pois sabia que estaria frio lá fora.

Esperei dez minutos no ponto do ônibus, mas então decidi ir caminhando. Quando a gente sabe que quer morrer, fica um pouco menos assustada. Eu nem sonharia em sair andando o caminho todo tarde da noite, especialmente com as ruas cheias de bêbados, mas o que importava àquela altura? Embora, claro, eu agora me pegasse preocupada imaginando que poderia ser atacada sem que me matassem — abandonada como morta sem, porém, estar. Porque aí seria levada para o hospital e me identificariam e descobririam sobre o Matty, e todos aqueles meses de planejamento teriam sido uma completa perda de tempo, eu estaria devendo milhares de libras para a clínica quando tivesse alta, e de onde tiraria um dinheiro desses? Mas ninguém me atacou. Algumas pessoas me desejaram Feliz Ano-Novo, nada mais. Não tem muita coisa que se precise temer por aí. Lembro de ter pensado como era engraçado descobrir isso naquele momento, a última noite da minha vida; até ali, tinha passado o tempo todo com medo de tudo.

Era a primeira vez que eu entrava no Toppers' House. Tinha só passado por ali, uma ou duas vezes, de ônibus. Nem estava muito certa se era possível entrar e subir até o terraço, mas encontrei a porta aberta e simplesmente fui indo pelas escadas até não ter mais para onde subir. Não sei por que não havia me ocorrido que não era só chegar lá e pular a hora que bem entendesse, mas me dei conta, quando vi a situação, de que não iam permitir que fosse fácil assim. Tinham colocado uma cerca de arame e, bem lá no alto, estacas pontiagudas curvadas para dentro... bom, foi aí que comecei a entrar em pânico. Não sou alta nem muito forte, também não sou mais tão jovem. Não conseguia pensar num jeito de passar por cima daquela proteção toda, e tinha que ser naquela noite que o Matty ficaria na clínica e tudo mais. Então passei a enumerar as outras opções, e nenhuma delas era muito boa. Não queria fazer aquilo na sala de casa, onde alguém conhecido encontraria meu corpo. Queria que um estranho me descobrisse. E não queria pular na frente de um trem, pois tinha visto um programa na tevê sobre os coitados dos condutores e como os suicídios os deprimem. E não tinha um carro, então não podia dirigir até algum lugar quieto e inalar a fumaça do escapamento...

Foi quando avistei o Martin, exatamente do lado oposto do terraço. Me recolhi a uma sombra e fiquei espiando. Dava para perceber que ele havia preparado tudo direitinho: tinha levado uma escadinha portátil e um alicate para cortar o arame, e foi assim que consegui escalar até o topo. E lá estava ele, sentado no parapeito, os pés balançando, olhando para baixo e dando uns tragos de uma garrafinha metálica de uísque, fumando, pensativo, enquanto eu esperava. E ele fumou e fumou, e eu esperei e esperei um pouco mais, até que não pude mais esperar. A escadinha podia ser do Martin, mas eu precisava dela. Logo não teria muita utilidade para ele.

Jamais fiz menção de empurrá-lo para baixo. Não sou durona a esse ponto, empurrar um homem-feito do parapeito de um prédio. E nem tentaria também. Não seria direito; era ele quem tinha de decidir se pulava ou não. O que fiz foi subir na escadinha, passar minha mão pelo vão do arame e tocá-lo no ombro. Só queria perguntar se ia demorar muito.

JESS

Quando cheguei no apartamento invadido, nem tinha a intenção de subir pro terraço. Na boa. Tinha esquecido a fama toda do Toppers' House até começar a conversar com um cara lá. Acho que ele estava a fim de mim, o que não quer dizer muita coisa, considerando que, ali, eu era praticamente a única representante do sexo feminino com menos de trinta anos que conseguia parar em pé. Ele me deu um cigarro e disse que seu nome era Pipeta, e, quando perguntei por que se chamava assim, o cara contou que era porque sempre fumava maconha nesse troço, um tipo de cachimbo. Falei: Quer dizer que todo o resto do pessoal aqui se chama Baseado? Mas ele, tipo, foi explicando, Não, aquele ali é o Mike Maluco. E aquele outro é o Poça. E o outro lá é o Nicky Esterco. E assim por diante, até ter apresentado todo mundo que estava na sala.

Mas os dez minutos que passei conversando com o Pipeta fizeram história. Bom, não aquele tipo de história tipo 55 a.C. ou 1939. Não história histórica, a menos que um de nós tivesse inventado uma máquina do tempo ou impedido a Inglaterra de ser atacada pela Al-Qaeda ou algo assim. Mas sabe lá o que aconteceria com a gente se o Pipeta não tivesse ficado a fim de mim. Porque, antes de ele chegar pra puxar papo, eu já estava tomando o rumo de casa, e a Maureen e o Martin estariam mortos agora, provavelmente, e... bom, tudo teria sido diferente.

Quando o Pipeta terminou a lista de apresentações, olhou pra mim e disse: Você não tá pensando em subir pro terraço, né? Eu pensei: Não com você, seu chapado. E ele: Porque dá pra ver nos seus olhos a dor e o desespero. Eu já estava mais pra lá do que pra cá àquela altura, então, pensando agora, acho que o que ele estava vendo nos meus olhos eram sete garrafinhas de Bacardi Breezers e duas latas de Special Brew. Respondi simplesmente, Ah, sério? E ele: É, sabe, me deixaram encarregado da prevenção dos suicídios, fico de olho em pessoas que vêm aqui só pra ir lá pra cima. E eu falei, tipo, O que é que tem lá em cima? Ele riu e disse: Você tá zoando, né? Aqui é o Toppers' House. O lugar onde o pessoal vem pra se matar. E eu nunca teria pensado nisso se ele não tivesse falado. De repente tudo fez sentido. Porque, ainda que eu já estivesse de saída, não tinha a menor ideia do que fazer quando chegasse em casa, e não conseguia nem imaginar o que seria acordar na manhã seguinte. Eu queria o Chas e ele não me queria, e de repente saquei que a melhor coisa que podia fazer era encurtar minha vida o máximo possível. Quase comecei a rir, era tão óbvio: queria encurtar a vida e estava numa festa no Toppers' House, coincidência demais. Feito uma mensagem dos céus. Tá, era decepcionante que tudo o que Deus tinha pra dizer fosse, tipo, pule do terraço, mas não era culpa Dele. Dizer o que mais?

Pude sentir, ali, o peso de todas as coisas — o peso da solidão, de tudo que tinha dado errado. Senti que era um ato heroico subir aqueles derradeiros lances de escada do prédio, arrastando comigo aquele peso todo. Pular parecia o único jeito de me livrar dele, o único jeito de fazer o peso funcionar a meu favor em vez de contra mim; eu me sentia tão pesada que sabia que num instante chegaria ao chão. Bateria o recorde mundial de salto de prédio.